

A escrita instituinte de Abdias Neves sobre as lutas pela Independência no Piauí em *A guerra do Fidié*

The instituting writing of Abdias Neves on the struggles for Independence in Piauí in A guerra do Fidié

Teresinha Queiroz

Possui Licenciatura em História (1977) e Bacharelado em Ciências Econômicas (1983) pela Universidade Federal do Piauí, Mestrado em História pela Universidade Federal do Paraná (1984) e Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1992). Atualmente é Professora Associada IV da Universidade Federal do Piauí. E-mail: teresinhaqueiroz@bol.com.br

Rodrigo Thadeu Paiva Dias

Possui Licenciatura em História pela Universidade Federal do Piauí (2021). Atualmente (2023-2025) realiza Mestrado em História do Brasil, na Universidade Federal do Piauí. E-mail: rodrigothadeu20@gmail.com

Resumo: Este texto analisa a obra *A guerra do Fidié* (1907), de Abdias Neves, obra instituinte na historiografia sobre as lutas pela Independência no Piauí. O autor foi um dos mais destacados intelectuais piauienses da Primeira República, com inúmeras contribuições à cultura escrita, tendo na década inicial do XX se debruçado sobre a documentação disponível nos arquivos estaduais a respeito dos eventos ocorridos em 1822 e 1823. A análise empreendida neste trabalho considera o contexto historiográfico no qual Abdias Neves escreveu sua obra, quando ainda era reduzido o número de pesquisas que tratavam da Independência no Piauí, bem como a construção narrativa em seus traços peculiares, como a posição de narrador participante adotada pelo intelectual. Ao observar privilegiadamente o passado com os filtros do presente reflete sobre os possíveis da História. Outro traço marcante de *A guerra do Fidié* é a presença das ideias evolucionistas nas quais acreditava o autor, norteador sua leitura da psicologia coletiva das populações que participaram daquele processo. Com o objetivo de potencializar as análises realizadas, são estabelecidos diálogos com Monsenhor Chaves (2005) e Paulo Gutemberg de Carvalho Souza (2010).

Palavras-chave: Abdias Neves. Independência no Piauí. *A guerra do Fidié*.

Abstract: This text analyzes the work *A guerra do Fidié* (1907), written by Abdias Neves, an instituting work in the historiography about the struggles for independence in Piauí. The author was one of the most prominent intellectuals of Piauí in the First Republic with countless contributions to the written culture. In the early 20th decade he based his researches in the documentation available in state archives regarding the events that occurred in 1822 and 1823. The analysis undertaken in this work considers the historiographical context in which Abdias Neves wrote his work, when the number of research dealing with Independence in Piauí was still small, as well as the narrative construction in its peculiar characteristics, such as the position of participant narrator adopted by the intellectual by observing the past from a privileged perspective, with the filters of the present, he reflects on the possibilities of History. Another notable feature of *A guerra do Fidié* is the presence of the evolutionary ideas in which the author believed, guiding his reading of the collective psychology of the populations that participated in that process. With the aim of enhancing the analyses carried out, dialogues are established with Monsenhor Chaves (2005) and Paulo Gutemberg de Carvalho Souza (2010).

Keywords: Abdias Neves. Independence in Piauí. *A guerra do Fidié*.

Abdias da Costa Neves¹ foi um dos principais pensadores piauienses do início do século XX. Para além de sua atuação como político, professor e magistrado, o intelectual deixou registrada na cultura escrita uma ampla produção que engloba temáticas e gêneros diversos, desde considerável produção literária em poesia e prosa, passando por textos jornalísticos e exegeses religiosas, até estudos historiográficos sobre alguns dos principais eventos vivenciados pelos piauienses no século XIX.

Este artigo se debruça sobre o mais destacado trabalho historiográfico de Abdias Neves, o livro *A guerra do Fidié* (1907), no qual são narradas as disputas travadas no Piauí pela Independência do Brasil: processo marcado por forte belicosidade, tanto nos campos de batalha nos quais os independentistas enfrentaram as tropas de João José da Cunha Fidié², quanto nos gabinetes políticos, onde cada posição de poder foi disputada por representantes de diferentes interesses.

O exercício de olhar os eventos de 1822 e 1823 à luz dos escritos de Abdias Neves possibilita decodificar a tentativa do autor de construir, através da fórmula artesanal inerente ao ofício do historiador, o seu próprio relato sobre aqueles acontecimentos. Tal relato, pode-se observar, é norteado pelas preferências intelectuais do autor à época em que escreveu seu texto – como o evolucionismo, por exemplo. Além disso, é percebida no trabalho a adoção de uma perspectiva historiográfica que se aproxima de modelos do século XIX, nos quais era empreendida a ambiciosa missão de alcançar a verdade histórica, a partir do arrimo de forte empiria, de modo que os documentos (em especial os documentos oficiais) contribuíssem para a reconstituição do passado da maneira o mais fidedigna possível ao real desenrolar dos acontecimentos. A esse respeito, esclarece Abdias Neves aos seus leitores: “E me seja lícito acrescentar que, sempre que possível, estribarei as minhas afirmações em documentos da época. Nessas peças, escritas logo após os acontecimentos, é onde o investigador curioso pode encontrar os elementos dispersos da história da campanha.”³

Em relação à publicação da obra propriamente, antes de se tornar livro, o texto de *A guerra do Fidié* foi publicado no *Almanaque Piauiense*, com o título *Apuntes históricos sobre a Independência do Piauí*. O almanaque era similar ao produzido por Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco⁴ ainda no século XIX, tratando-se de um grande volume no qual o leitor

1. Abdias da Costa Neves (1878-1928) foi bacharel em Direito, político, magistrado, professor e intelectual de grande destaque no Piauí da Primeira República. Tornou-se perene na história piauiense através de sua atuação na política partidária, chegando a ser senador da República entre 1915 e 1924, e na cultura escrita, publicando diversas obras, entre as quais se destacam: *A guerra do Fidié* (1907), *Um manicaca* (1909) e *Psicologia do cristianismo* (1910).

2. NEVES, Abdias. *A guerra do Fidié*. 4. ed. Teresina: FUNDAPI, 2006. p. 88.

3. Natural de Campo Maior, no interior do Piauí, Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco (1836-1887) foi um importante personagem da política e da cultura no Piauí oitocentista, tendo atuado como deputado provincial, professor, jornalista, comerciante e proprietário de escolas; além de ocupar cargos públicos na burocracia provincial. Entre as suas contribuições para a cultura escrita, destacam-se a publicação de *Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres e de outras pessoas notáveis que ocuparam cargos importantes na província do Piauí*, em 1879, e a criação do *Almanaque piauiense*, em 1880.

4. José Martins Pereira de Alencastre (1831-1871) foi um professor, historiador e político brasileiro do século XIX. Foi presidente das províncias de Goiás (1861-1862) e Alagoas (1866-1867); e atuou no Piauí como promotor público no final da década de 1850, na então capital da província, Oeiras. Durante sua passagem pelas terras piauienses,

encontrava notícias, biografias, propagandas, charadas, palavras cruzadas e lendas populares. O impresso era como que um livro para a família, contendo escritos considerados socialmente adequados para cada potencial leitor: as moças, os rapazes, as senhoras e os homens. A iniciativa de dar materialidade a uma nova versão da ideia de Miguel Borges Castelo Branco foi do próprio Abdias Neves, em parceria com Matias Olímpio, Miguel Rosa e João Pinheiro, que, à época, eram jovens homens públicos em ascensão na vida política e nos principais círculos culturais piauienses. Somente em 1907, *A guerra do Fidié* passa a circular no formato de livro.

Quando a obra foi escrita, é importante destacar, não havia uma ampla bibliografia disponível sobre as lutas pela Independência no Piauí. Abdias Neves acessou a documentação disponível dos arquivos governamentais, recorrendo ao mesmo procedimento realizado anteriormente por José Martins Pereira de Alencastre⁵ e Francisco Augusto Pereira da Costa⁶, o que lhe ofertou a possibilidade elaborar o texto tomando como roteiro a própria correspondência do brigadeiro Manuel de Sousa Martins⁷ (futuro barão da Parnaíba), quando este esteve à frente da junta de governo que comandava o aparato burocrático provincial e resistia às tropas do militar português João José da Cunha Fidié. Abdias Neves, portanto, constrói um texto referendado pela documentação oficial, o que se deve não somente à forma como o intelectual concebia a disciplina História, mas também às limitações a serem contornadas para a realização da pesquisa. Sobre a questão, o autor observa que: “Por esse ano, 1823, não tinha, ainda, no Piauí um jornal que registrasse os sucessos. A imprensa foi introduzida em Oeiras doze anos depois (1835) e os fatos vivem, apenas, por metade, nos arquivos. Não há, porém, outra fonte em que me vá abeberar.”⁸ A partir de tal determinação, o trabalho se aproxima de uma espécie de história da Independência por meio da ação do Estado, tendo a documentação primária como fonte principal, gerada no âmbito da própria burocracia estatal através

publicou na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o trabalho *Memória cronológica, histórica e corográfica da província do Piauí*, em 1857.

5. Francisco Augusto Pereira da Costa (1851-1923) foi um advogado, jornalista, historiador, professor e político brasileiro natural de Recife, capital de Pernambuco. Pereira da Costa contribuiu com a historiografia sobre as participação do Piauí nas lutas pela Independência com artigos publicados nos jornais *A Imprensa e Telefone*, no ano de 1885. Entre seus escritos sobre a história piauiense, destaca-se a obra *Cronologia histórica do estado do Piauí: desde os tempos primitivos até a proclamação da República*.

6. Manuel de Sousa Martins nasceu em 1767, na freguesia de Nossa Senhora das Mercês, de Jaicós. Grande proprietário rural, criador e negociante de gado, ocupou diversos empregos públicos e fez carreira militar. Foi nomeado sucessivamente alferes, tenente, capitão, major, tenente-coronel e coronel das milícias do Piauí. Em 1820 atingiu o posto de brigadeiro e entrou para a reserva. Em 1821, como vice-presidente da província, passou a fazer parte da junta do governo provisório que atuou de 21 de outubro de 1821 a 7 de abril de 1822. A 24 de janeiro de 1823 tornou-se presidente da nova junta de governo temporário da província, em decorrência da adesão de Oeiras à independência do Brasil. Teve notável participação no processo de independência no Piauí e no Maranhão. Em 1825 recebeu o título de barão da Parnaíba e em 1841 foi elevado à dignidade de visconde. Administrou a província do Piauí de 1823 a 1843, com pequenos interregnos no final dos anos 1820 e início da década de 1830, quando foi substituído por João José Guimarães e Silva (15 de fevereiro de 1829 a 17 de fevereiro de 1831). Faleceu na cidade de Oeiras em 1856. CASTELO BRANCO, Miguel de Sousa Borges Leal. Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres e outras pessoas notáveis que ocuparam cargos importantes na província do Piauí. Teresina: Tipografia d'A Imprensa, 1879, p. 49-52.

7. NEVES, 2006, p. 88.

8. ALENCASTRE, José Martins Pereira de. *Memória cronológica, histórica e corográfica da Província do Piauí*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, t. 20, 1857.

das movimentações da junta de governo. Mesmo que quisesse ou necessitasse ampliar seus horizontes documentais e dialogar com outros pesquisadores, as opções disponíveis a Abdias Neves, à época da feitura da obra, eram escassas. A historiografia sobre as lutas pela Independência no Piauí ainda era muito pequena.

A primeira referência a esse processo aparece em 1857, quando José Martins Pereira de Alencastre publica *Memória cronológica, histórica e corográfica na província do Piauí*, trabalho no qual o autor realiza breve síntese dos acontecimentos, posicionando os deslocamentos espaciais de João José da Cunha Fidié e suas tropas no centro da narrativa.⁹ Em obra publicada no ano de 1878, Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco tratou tangencialmente da Independência nas biografias que escreveu sobre destacadas lideranças políticas piauienses do século XIX, entre as quais se encontra Manuel de Sousa Martins. O trabalho é um compilado de textos biográficos publicados na imprensa e posteriormente reunidos, onde se percebe um padrão na escolha dos personagens históricos contemplados: são todos patriarcas, membros de famílias influentes na política provincial.¹⁰ Quem apresentou ao público leitor piauiense discussões historiográficas mais detidas sobre a questão foram Francisco Augusto Pereira da Costa¹¹ e Clodoaldo Freitas¹², a partir de artigos publicados em jornais nos anos 1880.

Percebe-se, portanto, que um dos maiores méritos do livro de Abdias Neves é o seu pioneirismo. Até aquele momento, o início do século XX, eram escassos os escritos sobre a participação do Piauí na Independência e o autor recorreu à obra *História da Independência na província do Maranhão*, de Luís Antônio Vieira da Silva, o grande modelo disponível naquele momento. Vieira da Silva realizou sua pesquisa tomando como base a documentação existente em São Luís acerca do processo, especialmente a documentação pública, arquivada e produzida pela junta de governo no Maranhão.¹³

Nas décadas que sucederam a publicação de *A guerra do Fidié*, nota-se que o livro foi bastante festejado pelos historiadores. Entre os contemporâneos de Abdias Neves, no entanto, ficaram registradas algumas críticas contundentes que se esquivavam, em diferentes níveis, do conteúdo da obra propriamente dito, especialmente por não haver ainda contraste possível:

9. CASTELO BRANCO, Miguel de Sousa Borges Leal. *Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres e de outras pessoas notáveis que ocuparam cargos de importância na Província do Piauí*. Teresina: Tipografia da Imprensa, 1879.

10. COSTA, Francisco Augusto Pereira da. Uma página de história: o dia 24 de janeiro de 1823. *A Imprensa*, Teresina, ano 20, n. 852, 25 jan. 1885; COSTA, Francisco Augusto Pereira da. D. João de Amorim Pereira. *O Telefone*, Teresina, 10 abr. 1885; COSTA, Francisco Augusto Pereira da. Comando das Armas do Piauí. *A Imprensa*, Teresina, ano 20, n. 862, 11 abr. 1885.

11. FREITAS, Clodoaldo. História do Piauí: as lutas da independência. *A Imprensa*. Teresina, ano 20, nº 853, 31 jan. 1885; FREITAS, Clodoaldo. História do Piauí: as lutas da independência. *A Imprensa*. Teresina, ano 20, nº 854, 7 fev. 1885; FREITAS, Clodoaldo. História do Piauí: as lutas da independência. *A Imprensa*. Teresina, ano 20, nº 855, 12 fev. 1885.

12. SILVA, Luís Antônio Vieira da. *História da independência da província do Maranhão: 1822-1828*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1972.

13. BRITO, Anísio. O Dr. Abdias Neves é mero colaborador. *O Piauí*. Teresina, ano 34, n. 681, 9 ago. 1923; BRITO, Anísio. O Dr. Abdias Neves compilou Vieira da Silva. *O Piauí*. Teresina, ano 34, n. 683, 16 ago. 1923; BRITO, Anísio. Abdias Neves incorrigível compilador de Vieira da Silva. *O Piauí*. Teresina, ano 34, n. 686, 23 ago. 1923; BRITO, Anísio. Abdias Neves correndo com a sela. *O Piauí*. Teresina, ano 34, 30 ago. 1923.

provavelmente, ninguém havia examinado a documentação disponível; ao menos não com a profundidade demonstrada por Abdias Neves. Pode-se dizer, em relação a alguns dos críticos, que suas leituras possivelmente eram condicionadas pelas dissidências políticas e utilizadas nas disputas simbólicas em torno dos cargos político-administrativos.

Entre essas leituras, a de maior destaque foi a realizada pelo dentista Anísio Brito, que considerava *A guerra do Fidié* um plágio de *História da Independência na província do Maranhão*. Em 1923, época em que Abdias Neves ocupava o cargo de senador da República e morava no Rio de Janeiro, Anísio Brito escreveu artigos nos quais negava ao então parlamentar qualquer mérito pela feitura de *A guerra do Fidié*. Segundo as acusações, o texto seria mera imitação do que fez anos antes Vieira da Silva ao estudar o Maranhão. A crítica recorria a títulos como “Abdias Neves incorrigível compilador de Vieira da Silva”, “Abdias Neves correndo com a sela” e “Abdias Neves é mero colaborador” para dar publicidade à suposta imitação, fazendo o serviço de revisor ou crítico historiográfico.¹⁴ Os artigos de Anísio Brito elucidam alguns aspectos referentes à recepção dispensada por parte do público leitor ao livro *A guerra do Fidié*, podendo-se perceber os tipos de críticas suscitadas, quais aspectos do livro foram valorizados e quais não foram; assim como também se evidencia uma disputa no campo historiográfico, visto que Anísio Brito também era historiador.

No tocante às inspirações intelectuais de Abdias Neves, aos pressupostos teóricos com os quais foram estabelecidos os diálogos que nortearam as interpretações contidas na obra, salta aos olhos a operacionalização de algumas das teorias em voga entre os pensadores do final do século XIX e início do século XX. O autor dá feições interdisciplinares ao seu texto, quando se aproxima de áreas como a Psicologia e a Biologia para argumentar que a fauna, a flora, a geologia e o clima oferecidos pelo território do Piauí foram determinantes para a constituição da população que se convencionou chamar de piauiense, com todos os traços culturais e sociais, as virtudes e os defeitos que lhe são peculiares. Paulo Gutemberg de Carvalho Souza observa que: “Ele fala de um lugar que associa as instâncias do saber científico às esferas de poder político e social.”¹⁵

Nesse sentido, Abdias Neves destaca o que seriam características psicológicas comuns a esse povo, descrito como um conjunto humano “essencialmente firme nas convicções, constante nos hábitos, moderado nos impulsos. Não é reformador, nem sofre arrebatamentos. É um reflexo do meio.”¹⁶ Tal constituição, estabelecida pela interação com a natureza, teria se dado da seguinte forma:

O criador – o fazendeiro – para auferir todo o resultado de sua simples empresa, tinha, apenas, que cruzar os braços e ceder à fatalidade das circunstâncias. Não era preciso a sua intervenção. Nenhum esforço se lhe exigia. E como por toda parte abundavam frutas, sobrava caça, e serpenteavam os rios piscosos, a luta pela vida não tinha grandes exigências e o homem, amolentado pelo calor, perdia, pouco a pouco, os traços de seu caráter de origem. De irrequieto,

14. SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *História e identidade: as narrativas da piauiensidade*. Teresina: EDUFPI, 2010. p. 262.

15. NEVES, 2006, p. 263.

16. NEVES, 2006, p. 264-265.

corajoso, aventureiro e esforçado, fizeram-no o calor, a facilidade dos meios de subsistência e a vida monótona das fazendas um temperamento morno, um caráter passivo, um tipo indolente. Montesquieu já dizia que o calor definha o corpo e entorpece a vontade: é certo. Ele entorpeceu a vontade do nosso sertanejo, fê-lo fraco ao querer, e tardo no agir. E como suas necessidades eram prontamente satisfeitas, desde que encontrava ao alcance da mão o gado, as frutas, a caça e a pesca de que se alimentava e se alimenta; como se vestia e se veste de algodão grosseiro (tecido em rústicos aparelhos de madeira) e do couro curtido dos veados; como de nada mais necessitava, foi recuando cada vez mais o horizonte das ambições e perdendo o espírito de iniciativa. A necessidade é que faz a função, esta faz o órgão. Não tinham os nossos matutos a necessidade de trabalhar: ficaram indolentes. Não tinham que se fazer empreendedores, uma vez que tudo obtinham sem esforço: perderam a iniciativa. A concorrência na luta pela vida era insignificante; não tinham que disputar ferozmente a sua cota: tornaram-se passivos.¹⁷

A explicação de Abdias Neves a respeito da constituição histórica dos piauienses explicita a aproximação do autor com perspectivas evolucionistas, a partir das quais é defendida a ideia de que a natureza exerce uma ação imperiosa sobre os coletivos humanos. A generalização apresentada é alicerçada na tese de que a identidade é concebida em consonância com a interação entre homem e meio. Cultura, sociedade e economia, portanto, seriam historicamente construídas orbitando fortes condicionantes ou, mesmo, determinações.

O perfil psicológico apresentado, segundo a análise de Abdias Neves, impactou a participação dos piauienses nas lutas pela Independência. Ao passo que a falta de arrojo era um limitador, a passividade contribuía com a coesão das tropas e a manutenção da disciplina. Os cearenses, ao contrário, fizeram-se povo comprimidos entre a Ibiapaba¹⁸ e o oceano; em um território flagelado por secas periódicas e, portanto, também por dificuldades para desenvolver a agricultura e a pecuária. Tais condições fizeram das populações do Ceará mais dadas a tentativas de subsistência longe da terra natal, mais desprezadas, corajosas, mais ativas em relação à interação com a natureza. Por essas características, os cearenses que engrossavam as tropas independentistas, apesar de terem dado importantes contribuições, também se mostraram, em diversas ocasiões, indisciplinados, chegando mesmo a protagonizarem saques a fazendas na região norte do Piauí quando dispensados pela junta de governo.¹⁹

Tais formulações de Abdias Neves trazem à tona um importante debate: a discussão a respeito do amadurecimento identitário piauiense durante o século XIX. Na narrativa de *A guerra do Fidié*, está contido uma espécie de épico, com personagens principais não necessariamente heroicizados. O autor é crítico em relação à maior parte dos potenciais heróis presentes na história. São heroicizadas, na verdade, ideias-conceito como liberdade e patriotismo, que teriam servido de inspiração para o empreendimento de significativo esforço coletivo em favor da

17. A Serra da Ibiapaba é uma região montanhosa localizada entre os estados do Piauí e do Ceará.

18. NEVES, 2006.

19. Atual município de Castelo do Piauí, localizado no Centro-Norte do estado e distante cerca de cento e oitenta quilômetros da capital Teresina.

causa emancipacionista, por parte daquele grupo de pessoas que nutria sentimentos em comum de pertencimento ao mesmo território.

A prosa, pois, contém uma narrativa fundante, um relato que objetiva dar liga às identidades particulares e formar uma identidade coletiva a partir desse momento fundador, que é a participação nas lutas pela Independência. O texto é produzido do ponto de vista de Oeiras, local de origem da maior parte da documentação analisada por Abdias Neves. As fontes possibilitam acompanhar a atuação da junta de governo, que esteve operante entre março de 1822 e janeiro de 1823.

A partir da documentação produzida pela junta, o autor apresenta as ações determinadas pelas lideranças, as expectativas, os medos e as soluções encontradas para os desafios que surgiam. A documentação, por ser majoritariamente composta por correspondências, dá movimento à obra. O leitor é levado de Oeiras para Marvão²⁰, de Parnaíba para Campo Maior, de Campo Maior para o Estanhado²¹, assim como para Caxias, no Maranhão. A leitura é como que um passeio pelos acontecimentos, sendo possível perceber questões como: as dificuldades em manter coesas e disciplinadas as tropas; a lentidão na comunicação entre a junta de governo e os homens no campo de batalha, reunidos para resistir a Fidié; a escassez de recursos para financiar a resistência; os desafios impostos pelo meio natural; a necessidade de realizar longos percursos, em terreno árido, sob forte sol. Acompanha-se, então, através da leitura da obra, uma dinâmica territorial. Muda-se de vila, de cidade, de espaço; segue-se as ordens da junta de governo e as decisões de Fidié, no embalo das vacilantes estratégias militares.

Para além das dificuldades administrativas, entre a população civil que assistia ao desenrolar daquele processo, os portugueses e seus descendentes fixados no Piauí sentiram recair sobre si um forte sentimento antilusitano. O clima de guerra que pairava no ar contribuiu para o desenvolvimento de uma aversão àqueles sujeitos e a situação culminou em uma considerável quantidade de portugueses assassinados, saqueados, expulsos de suas próprias casas, enfim, expostos às mais distintas formas de violência. Esse é um aspecto ainda pouco estudado na historiografia piauiense sobre a Independência, os que trataram da questão de maneira mais detida foram o próprio Abdias Neves e, posteriormente, Monsenhor Chaves.²²

A narrativa brasileira, de maneira geral, contrapõe-se à lusitana. Percebe-se a criação – na vida cotidiana da época e, *a posteriori*, nos textos de Abdias Neves – de uma dicotomia entre os brasileiros (aqueles que estavam lutando pela libertação do Brasil) e os portugueses (aqueles que defendiam a manutenção do relacionamento injusto com Portugal). Essa dicotomia, como relatado, não foi apenas retórica. Antes e depois da Batalha do Jenipapo, os portugueses foram submetidos a variadas formas de coerção. Tratava-se da ação de multidões exaltadas, que culpavam os portugueses – elemento exógeno na constituição do Brasil – por muitas das mazelas enfrentadas nos trópicos. Sobre a forma como Abdias Neves tratou da questão, Paulo Gutemberg de Carvalho Souza faz a seguinte crítica:

20. Atual município de União, localizado a cerca de sessenta quilômetros de Teresina.

21. CHAVES, Monsenhor. *O Piauí nas lutas da Independência do Brasil*. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2005.

22. SOUZA, 2010, p. 264.

A postura de Abdias Neves de dicotomizar os conflitos da Independência entre brasileiros e portugueses não o permitiu ver outras clivagens sociais entre fazendeiros e as camadas sociais menos favorecidas e o impediu de perceber outros possíveis interesses ou sentidos em disputa, especialmente aquilo que chamou de ‘tropelias e violências’ perpetradas pelas massas embrutecidas.²³

A visão do pesquisador é uma releitura realizada, já no século XXI, dos documentos interpretados por Abdias Neves na primeira década do século XX. Segundo Paulo Gutemberg de Carvalho Souza, o intelectual percebe o antilusitanismo como um dos ingredientes que colaboraram na construção do patriotismo brasileiro e do sentimento comum de pertencimento ao território piauiense.

Um outro aspecto importante da obra a ser mencionado é que as inspirações intelectuais, para além de contribuírem com a maneira a partir da qual as fontes históricas foram analisadas para a feitura de *A guerra do Fidié*, também, estão presentes na própria construção narrativa do texto:

A escrita de *A guerra do Fidié* é entremeada de conceitos científicos (raciológicos e evolucionistas), delineamento de fatos previamente configurados e imagens literárias descritivas da paisagem local, o sertão, tendo em vista a compreensão pelo grande público. A estrutura do texto combina história, literatura e ciência, mesclando narrativa histórica, visões do autor sobre a massa popular e os governantes [...]. São comuns no texto explicações dos fatos históricos como se fossem fenômenos psicossociais, inspiradas provavelmente na leitura de *A psicologia das multidões*, de Le Bon.²⁴

Nesse sentido, é uma característica marcante de *A guerra do Fidié* a postura de narrador participante adotada por Abdias Neves – elemento também percebido em outros historiadores que, nas décadas seguintes, debruçaram-se sobre o mesmo processo, como Wilson Brandão²⁵, Monsenhor Chaves²⁶ e Odilon Nunes.²⁷ Esses autores, em diferentes graus, através de uma mediação documental, construíram suas narrativas como que se incluindo nos acontecimentos, misturando-se, opinando em relação ao desenrolar dos fatos, especulando sobre os possíveis da história, explorando a relação entre presente e passado, ao lançarem mão do olhar privilegiado de quem observa do futuro.

Abdias Neves assume a posição de gestor da guerra. O intelectual “conserta” as ações, indica os caminhos que teriam maior possibilidade de sucesso, os erros estratégicos cometidos de lado a lado, critica movimentações realizadas por Manuel de Sousa Martins, por Fidié e pelos parnaibanos. Ou seja, é percebida uma postura na qual o historiador se mune de autoridade sobre o passado, interferindo e julgando os fatos segundo a forma como teriam

23. SOUZA, 2010, p. 265.

24. BRANDÃO, Wilson de Andrade. *História da independência no Piauí*. Teresina: COMEPI, 1971.

25. CHAVES, 2005.

26. NUNES, Odilon. *Pesquisas para a história do Piauí*. Teresina: Imprensa Oficial, 1966.

27. NEVES, 2006, p. 202.

ocorrido. Estabelece-se íntima relação entre passado e presente, a partir de uma atitude ativa, quase como se o autor estivesse no campo de batalha disputando a gestão da guerra com os personagens que vivenciaram os eventos estudados.

Para além dessa característica, é possível encontrar em *A guerra do Fidié* uma série de arroubos ou floreios literários que atravessam toda a construção do texto, ocupando por vezes páginas inteiras. O autor recorre à imaginação e às inclinações para a prosa ficcional em sua tentativa de reconstituição da “verdade histórica”²⁸, apresentando aos leitores um bom número de adjetivos e interpretações intuitivas, nem sempre coladas à materialidade da documentação.

Como dito anteriormente, Abdias Neves inventa o que pode ser chamado de um épico da história do Piauí. O autor demonstra a intenção de construir e atribuir valor ao que seria o ato fundador da piauiensidade: as lutas pela Independência e, em particular, a Batalha do Jenipapo: “Não há, aliás, em toda a luta pela Independência no Ceará, nesta província e na do Maranhão, uma página mais pavorosamente grandiosa que a da batalha do Jenipapo – a mais importante das que foram feridas.”²⁹

Segundo a construção narrativa do autor, em todo esse processo, tão rico em importância e significado, deve-se olhar mais atenciosamente às ideias que pairavam pelo território brasileiro (como a crescente valorização da liberdade e a ascensão de sentimentos patrióticos) do que à atuação dos indivíduos.

Em relação a Manuel de Sousa Marins, por exemplo, Abdias Neves considera ter o futuro visconde da Parnaíba aderido à causa independentista como uma forma de vingança pessoal, por ter sido preterido na composição da primeira junta de governo, fiel a Portugal. Após a destituição desta, a criação da nova junta (favorável à Independência) e a nomeação de Sousa Martins como líder do governo, o historiador considera que, na prática, o poder estava concentrado monocraticamente nas mãos do futuro barão da Parnaíba. Abdias Neves diminui a importância política, do ponto de vista da tomada de decisões, do grupo que compunha a junta de governo. O chefe da coalisão independentista teria adotado postura ditatorial, de alguém incapaz de integrar uma ação coletiva e democrática.³⁰

Em relação a Fidié, sua participação nos eventos de 1822 e 1823 é descrita na narrativa de Abdias Neves como um compilado de equívocos estratégicos – a começar pela decisão de desguarnecer a capital, Oeiras, e marchar para Parnaíba: atitude que teria desencadeado todos os outros erros do lado português e orientado o rumo que tomaria o conflito em sua escalada até a Batalha do Jenipapo:

Que pensar, entretanto, da nova resolução tomada pelo sargento-mor João José da Cunha Fidié? Parece-me que feriu de morte os interesses de Portugal nesta província. Se foi um erro grave abandonar Oeiras à mercê dos acontecimentos, erro menor não foi abandonar Campo Maior, rompendo qualquer probabilidade de ir em socorro da capital na hipótese de o exigirem as cir-

28. NEVES, 2006, p. 145.

29. NEVES, 2006, p. 145.

30. NEVES, 2006.

cunståncias. Não é menos digno de censura ter ficado inativo por quatorze dias em Campo Maior, refazendo-se da marcha, no entanto que a evoluçõ emancipacionista se precipitava, num surto assombrosamente avassalador.³¹

Evidencia-se, portanto, a postura crítica adotada por Abdias Neves em relaçaõ às ações de dois dos mais destacados nomes envolvidos naquele processo: o militar português Fidié e Manuel de Sousa Martins. Pareciam ser mais dignos de destaque os sentimentos que teriam motivado os populares, a gente comum do sertão piauiense, a se dirigir às margens do riacho Jenipapo, em Campo Maior, no dia 13 de março de 1823. Para o autor, “só a loucura patriótica explica a cegueira desses homens que iam partir ao encontro de Fidié quase desarmados.”³²

Um dos poucos personagens que tem protagonismo realçado por Abdias Neves é Leonardo de Carvalho Castelo Branco³³, que possui capítulo inteiro na obra dedicado aos seus feitos como defensor da Independência.

Em *A guerra do Fidié*, salta aos olhos do leitor atento as peculiaridades através das quais Abdias Neves interpreta os eventos. O autor distribui diferentes significados aos fatos, de modo que personagens são apresentados submersos por algumas camadas de discurso, que servem ao objetivo de valorizar ou diminuir em importância determinados sujeitos históricos. É construído pelo autor um modelo historiográfico fortemente inspirado em *História da Independência da província do Maranhão*, de Luiz Antônio Vieira da Silva, que serve de base para os historiadores que, nas décadas seguintes, viriam a estudar as lutas pela Independência no Piauí.³⁴

É importante observar que toda narrativa surge em um determinado tempo-espaço. Compreender o contexto no qual o historiador produz seus escritos é essencial para perceber porque certas coisas possuem uma feição e não outra, porque alguns discursos são postos no mundo enquanto outros permanecem silenciados; assim como quais especificidades temporais condicionaram cada obra. Olhando para o caso de Abdias Neves, o autor não economizou em relação às críticas direcionadas às classes dominantes, embora estivesse ele próprio, durante a primeira década do século XX, transformando-se em um membro da elite política e intelectual piauiense.³⁵

31. NEVES, 2006, p. 77.

32. NEVES, 2006, p. 145.

33. Leonardo de Carvalho Castelo Branco nasceu na fazenda Taboca (hoje no município de Esperantina) em 1788. Recebeu educação no seio da família, pois seu pai, Miguel de Carvalho, fora educado no Colégio dos Jesuítas da Bahia. Estudou português, latim, geografia, física e matemática. Participou mais ativamente da política a partir de 1821. No ano seguinte, já tinha forte participação no processo da independência, acompanhando os parnaibanos nas lutas iniciais. Proclamou a independência em Piracuruca e em Campo Maior. Ao apresentar-se no povoado Repartição (MA) para persuadir seus habitantes a proclamar a adesão a D. Pedro, foi capturado e recolhido à cadeia de São Bernardo (MA) e daí enviado para São Luís (MA) e de lá para Lisboa, onde ficou algum tempo na cadeia do Limoeiro. De volta ao Brasil, igualmente participou da Confederação do Equador, sendo agora aprisionado pelo presidente da província do Piauí, Manuel de Sousa Martins. Após essas jornadas da política, instalou-se na Europa por vários anos, ocupado em pesquisas científicas e na produção literária. Faleceu aos 85 anos, em 1873, no sítio Barro Vermelho, hoje no município de Batalha. CASTELO BRANCO, 1879, p. 81-85.

34. Nesse sentido, *A guerra do Fidié* pode ser considerado um trabalho instituinte na historiografia sobre as lutas pela Independência no Piauí, ao lançar algumas diretrizes posteriormente seguidas por outros historiadores, como a estrutura narrativa. QUEIROZ, Teresinha. A história da Independência no Piauí: das escritas instituintes aos revisionismos, das versões modernas às celebrações. *Humana Res*, v. 1, n. 5, p. 59 à 81, jan. a ago. 2022.

35. PINHEIRO, Áurea da Paz. *O desmoronar das utopias: Abdias Neves (1876-1928): anticlericalismo e política nas*

Referências

ALENCASTRE, José Martins Pereira de. Memória cronológica, histórica e corográfica da Província do Piauí. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 20, 1857.

BRANDÃO, Wilson de Andrade. *História da independência no Piauí*. Teresina: COMEPI, 1971.

BRITO, Anísio. O Dr. Abdias Neves é mero colaborador. *O Piauí*. Teresina, ano 34, n. 681, 9 ago. 1923.

BRITO, Anísio. O Dr. Abdias Neves compilou Vieira da Silva. *O Piauí*. Teresina, ano 34, n. 683, 16 ago. 1923.

BRITO, Anísio. Abdias Neves incorrigível compilador de Vieira da Silva. *O Piauí*. Teresina, ano 34, n. 686, 23 ago. 1923.

BRITO, Anísio. Abdias Neves correndo com a sela. *O Piauí*. Teresina, ano 34, 30 ago. 1923. CASTELO BRANCO, Miguel de Sousa Borges Leal. *Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres e de outras pessoas notáveis que ocuparam cargos de importância na Província do Piauí*. Teresina: Tipografia da Imprensa, 1879.

CHAVES, Monsenhor. *O Piauí nas lutas da Independência do Brasil*. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2005.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. Comando das Armas do Piauí. *A Imprensa*, Teresina, ano 20, n. 862, 11 abr. 1885.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. D. João de Amorim Pereira. *O Telefone*, Teresina, 10 abr. 1885.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. Uma página de história: o dia 24 de janeiro de 1823. *A Imprensa*, Teresina, ano 20, n. 852, 25 jan. 1885.

FREITAS, Clodoaldo. História do Piauí: as lutas da independência. *A Imprensa*. Teresina, ano 20, nº 853, 31 jan. 1885.

FREITAS, Clodoaldo. História do Piauí: as lutas da independência. *A Imprensa*. Teresina, ano 20, nº 854, 7 fev. 1885.

três primeiras décadas do século XX. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

FREITAS, Clodoaldo. História do Piauí: as lutas da independência. *A Imprensa*. Teresina, ano 20, nº 855, 12 fev. 1885.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Grande dicionário histórico-biográfico piauiense: 1549-1997*. Teresina: [s.n.], 1997.

NEVES, Abdias. *A guerra do Fidié*. 4. ed. Teresina: FUNDAPI, 2006.

NUNES, Odilon. *Pesquisas para a história do Piauí*. Teresina: Imprensa Oficial, 1966.

PINHEIRO, Áurea da Paz. *O desmoronar das utopias: Abdias Neves (1876-1928): anticlericalismo e política nas três primeiras décadas do século XX*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

QUEIROZ, Teresinha. A história da Independência no Piauí: das escritas instituintes aos revisionismos, das versões modernas às celebrações. *Humana Res*, v. 1, n. 5, p. 59 à 81, jan. a ago. 2022.

SILVA, Luís Antônio Vieira da. *História da Independência da província do Maranhão: 1822-1828*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1972.

SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *História e identidade: as narrativas da piauiensidade*. Teresina: EDUFPI, 2010.